



# Horas EXTRAORDINÁRIAS

*O trabalho não tem de ser sempre aborrecido.*

«Uma exploração de como os jogos e as fantasias podem contribuir para o prazer.»

*Publishers Weekly*

**RONI LOREN**

AUTORA VENCEDORA DO PRÉMIO RITA  
PARA MELHOR ROMANCE ERÓTICO

TOP  
SEL  
LER

*Para a minha família, sempre*

O Princípio do Prazer: O instinto humano de procurar o prazer e evitar a dor.

Uma pessoa fica deveras tresloucada quando está apaixonada.

SIGMUND FREUD

## ENTÃO

**V**ou envolver os meus dedos no teu cabelo e deslizar a minha outra mão pela tua coxa acima. Tens de ficar quieta. Não podemos deixar que ninguém saiba.

Marin Rush parou no corredor escuro de Harker Hall, os seus ténis silenciando-se no linóleo brilhante e os sinais verdes de SAÍDA a zumbirem suavemente como pano de fundo. Não se atrevia a mexer-se. Estava a caminho da máquina de *vending*, para dela retirar um refrigerante e um *snack*. Os seus níveis de caféina tinham descido e observar os participantes do estudo a ressonar no laboratório de sono não era propriamente estimulante. Mas aquela voz sedosa e masculina atingira-a como um relâmpago, despertando todos os sentidos que tinham ficado embotados com a exaustão.

Presumira que era a única pessoa que ainda se encontrava no edifício de psicologia àquela hora, com exceção dos dois participantes no estudo do laboratório de sono. Estavam na pausa da primavera e as salas de aula e laboratórios deveriam estar trancados — todos exceto aquele onde ela estava a trabalhar. Fora isso que lhe dissera a rapariga que estava a substituir durante aquela semana. Mas não havia como ignorar aquela voz masculina, que deslizava para o corredor.

— *Aposto que gostas de ser comida contra a parede. Comigo a penetrar-te com força e rapidez.*

Maldição. Marin apertou os lábios. Claramente havia outras duas pessoas que também achavam que estavam sozinhas. Teriam dois estudantes entrado à socapa no edifício para se divertirem? Ou talvez fosse um dos professores. *Oh, meu Deus, por favor que não seja um professor.* Devia dar meia-volta de imediato e regressar ao gabinete do professor Robert. A última coisa de que precisava era ver um dos seus professores numa posição comprometedora. Morreria de vergonha.

Mas, em vez de recuar, deu por si a inclinar a cabeça numa tentativa de descobrir de onde vinha a voz, e os seus pés avançaram mais alguns passos.

— *Sim, tu gostas disso. Eu sei. Aposto que estás toda molhada por mim, só de pensar em qual seria a sensação. Talvez deva confirmar. Não tires as mãos da parede.*

Um arrepio escaldante trespassou Marin, deixando todo o seu ser hiperconsciente.

— *Estou tão duro por ti. Consegues sentir o quanto te desejo?* — Aquela voz era como veludo contra a pele de Marin. Ela fechou os olhos, imaginando a figura que o estranho estava a desenhar: um tipo sensual atrás dela, prendendo-a contra a parede, a sua ereção a tocar-lhe. Nunca estivera em tal situação, mas o seu corpo sabia, sem dúvida, como reagir à ideia. Levou a mão ao pescoço e pressionou a garganta. A pulsação batia, como as asas de um colibri, por baixo dos seus dedos. Esperou, sustendo a respiração, para ouvir a resposta da mulher, mas nenhuma voz respondeu à pergunta do homem. *Consegues sentir o quanto te desejo?* perguntara ele. E raios se Marin não estava mortinha por saber. Esforçou-se por ouvir.

— *Arranco-te as cuecas e deslizo a minha mão pelas tuas coxas até conseguir sentir a tua quente, escorregadia...*

Marin apoiou a outra mão na parede e inclinou-se tanto para a frente que mais um centímetro tê-la-ia feito tombar. *A tua quente...*

— *Raios. Filha da mãe.*

O palavrão arrancou Marin ao ftiço em que tinha caído, e ela endireitou-se de imediato, o rosto quente e a pulsação a bater onde não devia. Ouvia o guincho rouco de uma cadeira de escritório e mais um chorri-lho de palavrões coloridos.

Quem quer que estivesse a dizer aquelas coisas porcas tinha mudado o tom de voz e soava agora francamente irritado. Uma bola de papel amachucado voou através de uma porta aberta alguns metros mais à frente. Ela seguiu o arco e viu o papel aterrar no chão. Só então se apercebeu de que havia outros três como aquele a sujar o corredor.

A luz do candeeiro alterava-se no pálido linóleo, como se a pessoa no interior do gabinete estivesse a andar de um lado para o outro, e Marin colou-se à parede, tentando fundir-se com ela. *Por favor não saias. Por favor não saias.* A oração silenciosa sussurrou através dela, enquanto contava as portas entre si e a voz misteriosa, rotulando mentalmente cada uma delas. Quando se apercebeu de que era um dos gabinetes que atribuíam aos estudantes de doutoramento e não o de um professor, deixou escapar um suspiro.

Fosse como fosse, não tinha qualquer intenção de alertar a pessoa que com ela partilhava o corredor para o facto de que não estava só. Mas, pelo menos, podia deixar de se preocupar com a possibilidade de ter ficado a arder por causa de um dos seus professores. Agora restava-lhe descobrir como passar pela maldita porta sem deixar que a vissem. Habituara-se a saltar refeições para poupar dinheiro desde que começara a faculdade, há alguns meses. Mas não ia conseguir aguentar as duas horas seguintes a introduzir dados e a monitorizar o sono dos sujeitos do estudo se não ingerisse alguma cafeína. Não era de admirar que nenhum dos alunos dos últimos anos tivesse querido ocupar aquela posição durante a pausa de primavera.

O olhar de Marin deslizou para as escadas. Se ela ficasse do outro lado do corredor, nas sombras, talvez conseguisse passar sem que reparassem nela. Desviou-se para o lado direito da parede e esgueirou-se, com passos silenciosos. Mas mal se encontrava a poucos metros do feixe de luz que era projetado a partir da sala ocupada, uma sombra grande tapou-o, escurecendo-o.

Tinha estado de tal modo concentrada no feixe de luz que demorou algum tempo a perceber o que tinha acontecido. Estacou e o seu olhar ergueu-se de um salto, aterrando no tipo que enchia a porta. Não, não era um tipo qualquer, era um tipo muito familiar. Alto e esguio e com um aspeto descontraidamente despenteado. Tudo dentro dela entrou em alerta. *Oh, meu Deus, ele não.*

Tinha a mão na ombreira da porta e a sua expressão estava tão surpresa como, provavelmente, a dela.

— Mas que raio?

— Eu... — Já conseguia sentir o rosto a aquecer e a garganta a fechar-se: uma resposta bizarra e instantânea que parecia ter àquele homem. Tinha passado demasiadas horas no fundo da sua aula de introdução à sexualidade humana a memorizar cada pormenor de Donovan West. Bem, do seu perfil, na realidade. E do seu andar. E da maneira como os seus ombros enchiam as t-shirts. Sendo um professor assistente, normalmente só entrava na sala no início da aula para levar ao professor Paxton papéis ou algo assim. Mas de cada vez que ele entrava, era como se fosse emitido um qualquer sinal que deixava o seu corpo completamente louco.

Tudo começara no dia em que ele tivera de assumir a aula porque o professor Paxton estava doente. Tinha falado acerca da excitação e da

mecânica física desse processo. Fora técnico. Trazia vestida uma t-shirt onde se podia ler *Por vezes sinto-me uma verdadeira Freud*. Não devia ter sido sensual. Mas, meu Deus, tinha sido uma das experiências mais escaldantes da sua vida. Ele falava muito com as mãos e era óbvio que ficara um pouco nervoso por se encontrar na parte da frente da sala. Mas ao mesmo tempo, estava confiante na sua informação, tinha respondido às perguntas com grande entusiasmo. Marin não ouvira uma palavra do resto das suas aulas naquele dia, de tal modo se perdera em fantasias.

Mas agora estava a olhar fixamente para ele. E a corar. E a parecer-se, em geral, com uma idiota. Lupi.

Virou-se completamente para ele e limpou a garganta, tentando formar algum tipo de resposta que não fosse demasiado bizarra. Mas quando o seu olhar voltou a deslizar rapidamente sobre ele, tudo o que se parecesse com linguagem foi esquecido. *Ah, merda*. Ela tentou arrastar a sua atenção de novo para o rosto dele e fixá-la aí. O seu rosto era muito belo: a sombra da barba que começava a crescer, brilhantes olhos azuis, o cabelo que caía ligeiramente comprido demais em redor das orelhas. Os lábios em que ela pensara demasiado. Tudo bom. Tudo excelente.

Mas, apesar da bela vista, não conseguia ignorar a coisa no limite inferior do seu campo visual, a coisa que chamara a sua atenção naquele rápido relance. O duro contorno das suas calças de ganga gritava para que ela o fitasse, para que o analisasse e gravasse no cérebro a sua imagem. A necessidade de olhar guerreava com o embaraço. O último acabou por ganhar e as bochechas dela ficaram ainda mais quentes. Ela ajustou os óculos.

— Hum, sim, olá. Desculpa. Pensei que estava sozinha no edifício. Não queria interromper... o que quer que seja.

Ele fitou-a por um segundo, unindo as sobranceiras.

— Interromper?

Raios, o olhar dela voltara a descer para lá. A vista era como a canção de uma sereia que ela era incapaz de ignorar. *Ereção gigantesca sempre em frente!* Ela afastou o olhar, mas não o fez suficientemente rápido para que ele não reparasse.

— Ah, merda. — Ele recuou para trás da ombreira e escondeu a sua metade inferior. — Desculpa. Não, hum... não é o que parece.

Ela fungou, emitindo um som meio engasgado, involuntário e nervoso, que pareceu ecoar no corredor cavernoso. Que delicada. Tentou

forçar alguma tirada inteligente para ultrapassar o desconforto que se apoderava dela.

— OK. Se tu o dizes.

Ele riu, uma gargalhada profunda que pareceu erguer-se diretamente do peito e encher de calor o espaço entre eles. Meu Deus, até o seu riso era sensual. Aquilo não era justo.

— Bem, certo, *é* o que parece. Mas a sua presença não é mais do que um risco inerente à profissão.

O riso e o tom descontraído dele permitiram-lhe relaxar um bocadinho. Ou talvez fosse o facto de ele se estar a sentir obviamente desconfortável.

— Um risco inerente à profissão? Deve ser mais interessante do que o laboratório do sono.

Ele apontou com o polegar na direção do gabinete.

— E é. Departamento de sexualidade. Estou a trabalhar na minha dissertação para o professor Paxton.

Ela percebeu que ele não a reconhecia das aulas. Não era de surpreender, já que se sentava sempre no fundo da grande sala que mais parecia um estádio e tentava manter-se tão invisível quanto possível. Além disso, naquela noite tinha posto os óculos.

— Estou a trabalhar com o professor Roberts. Esta noite fiquei a monitorizar o estudo do sono.

— Oh, boa. Não me tinha apercebido de que ele estava a trabalhar com mais uma aluna de doutoramento. Sou o Donovan, já agora.

*Eu sei.*

— Mari. — A alcunha rolou dos seus lábios. Já ninguém a chamava assim. Mas ela sabia que era provável que fosse ele a corrigir os trabalhos dela, e o nome Marin não era lá muito comum. Ela forçou um sorriso, não o corrigindo, evitando explicar que estava tão longe de ser uma aluna de doutoramento quanto era possível; queria ser uma, e seria, um dia, se conseguisse descobrir como pagar o curso. Conseguira fazer os testes que lhe permitiam saltar dois semestres de aulas, mas com QI elevado ou não, aquele sonho ainda estava muito distante... um ponto de luz no final de um túnel muito comprido e serpenteante.

Marin saltou de um pé para o outro.

— Ia buscar uma *Coca-cola*, para ver se conseguia não adormecer enquanto introduzo os dados e vejo pessoas a rressonar. Precisas de alguma coisa?



— Uma *Coca-cola*? — Ele olhou de relance para o corredor. — Não desperdices um dólar e meio na máquina de *vending*. Tenho aqui um minifrigorífico. Podes entrar e servir-te do que quiseres.

*Também estás no menu? Gostava de te levar a ti.* O pensamento errante fê-la morder os lábios para que nenhuma daquelas palavras pudesse escapar-se acidentalmente. Não fazia ideia de onde vinha aquele lado de si mesma. Não que soubesse o que fazer depois de agarrar Donovan. Aquele era um homem de vinte e tal anos, não era um dos rapazes com quem ela namoriscara desajeitadamente no liceu. Era um tipo que sabia como fazer todas aquelas coisas que ela lera nos livros.

— Não, não faz mal, quer dizer... — Ela afastou o olhar, desejando que o seu rosto não voltasse a ficar vermelho.

Ele percebeu o que ela queria dizer e riu.

— Oh, certo. Desculpa. Sim, provavelmente é melhor evitares homens estranhos com ereções que te convidam a entrar para beber qualquer coisa. É um bom plano de segurança, Mari. — Ele ergueu as mãos e recuou completamente para a entrada da porta, o contorno pronunciado nas suas calças tinha já desaparecido. — Mas garanto-te que agora está tudo bem. Apanhaste-me apenas num... momento infeliz. E agora vou subornar-te com um refrigerante grátis para não contares aos outros alunos de doutoramento do departamento aquilo que viste. Trabalho nestes horários tardios e durante as férias precisamente para evitar esse tipo de tortura.

Ele dirigiu-lhe um sorriso enviesado que fez esvoaçar qualquer coisa no peito dela. Provavelmente devia regressar imediatamente ao gabinete, onde era suposto estar a trabalhar. Ele era mais velho. Uma espécie de professor dela. Se ele descobrisse que ela era uma das alunas de Pax, o mais certo era passar-se por ela o ter visto assim. Mas a oportunidade de passar alguns minutos com ele era demasiado tentadora para ser ignorada.

Além disso, a maneira como Donovan olhava para ela aquietou algo no seu interior. Normalmente ela fechava-se quando estava perto de rapazes. Ter sido atirada de um lado para o outro, de escola para escola ao sabor dos caprichos da mãe não lhe tinha deixado muito tempo para desenvolver qualquer tipo de conhecimento no que dizia respeito a essas coisas. Mas algo em Donovan gerava nela a vontade de avançar e não de recuar.

— Sim, está bem. De borla é bom.

— Fixe. — O rosto dele iluminou-se. Talvez ele se estivesse a sentir tão só e aborrecido naquela noite como ela. Donovan curvou-se e pegou nos papéis que tinha atirado para o corredor, varrendo em seguida o ar à sua frente com um gesto. — Bem-vinda ao meu inferno pessoal. O frigorífico fica no canto do fundo.

Marin entrou primeiro, achando naquele gabinete um forte contraste com o estéril laboratório do sono. A secretária dele estava repleta de artigos e livros fotocopiados, sobre uma das pilhas estava uma lata de *Red Bull*, e no meio estava pousado um microfone com um fio que o ligava ao portátil. Junto à parede do fundo estava um sofá puído com uma almofada e um cobertor. Havia mais livros no chão junto ao quarto improvisado. Caos controlado. Ela avançou cuidadosamente em direção ao frigorífico e agarrou numa *Dr Pepper*.

— Queres que te leve alguma coisa? — Ela espreitou por cima do ombro.

Donovan estava ocupado a retirar uma pilha de papéis de cima da outra cadeira do pequeno gabinete.

— Não, estou bem. Acabei de abrir o meu terceiro *Red Bull*. Acho que o meu sangue foi oficialmente transformado em combustível para foguetes. Não acendas nenhum fósforo.

Ela sorriu e voltou a avançar em direção à porta.

— Podes crer. Bem, obrigada pela bebida. Vou deixar que voltes para... hum, o que quer que seja que estavas a fazer.

Ele apontou para a cadeira que tinha libertado.

— Ou podias ficar por um segundo e fazer uma pausa. Deus sabe que eu preciso de uma.

Ela hesitou por um momento, sabendo que estava a levar demasiado longe a charada do «também eu sou uma doutoranda», mas depois pensou no tédio interminável que a esperava no laboratório do sono. Contornou a secretária e sentou-se. Qual era o mal de ficar mais alguns minutos?

— Sim, parecias bastante chateado, quando eu ia a passar.

Ele imobilizou-se, e ela estremeceu, quando se apercebeu do que tinha revelado.

Ele baixou o corpo para a cadeira atrás da secretária.

— Consegues ouvir-me no corredor?

— Eu... o som viaja. O corredor faz eco. — Ela traçou um gesto ridículo e redemoinhante com o dedo... como se ele precisasse de uma interpretação visual da palavra *eco*. Ela desceu a mão para o lado do corpo

e prendeu-a debaixo da perna, para evitar que voltasse a mover-se por vontade própria.

— É bom saber. Então ouviste...

— O suficiente.

Ele riu, francamente relaxado, como se estivessem a debater o que tinham comido ao almoço em vez de conversas para maiores de idade e ereções aleatórias, numa instituição de ensino superior.

— Bem, nesse caso suponho que seja melhor explicar o que estou a fazer para não parecer um completo tarado.

— Não é preciso. Quer dizer... como queiras. — Ela não sabia ao certo se soava desinteressada ou como alguém que inalara umas poucas vezes o ar de um tanque de hélio. Calculou que fosse a última.

Ele ergueu da secretária um papel amarrotado.

— Isto foi o que ouviste.

Ela inclinou-se para a frente, tentando ler a escrita amarrotada.

— Guiões — explicou ele. — A minha dissertação é acerca da excitação feminina em resposta a estímulos auditivos. Estou a gravar guiões de fantasias que poderemos usar no estudo.

— O teu estudo é acerca de *conversas porcas*? — perguntou ela, surpreendida por a universidade não ter nenhum problema com isso. Por outro lado, se era ele a dizer aquelas coisas, onde é que se podia voluntariar para o estudo?

Donovan sorriu e havia um toque de malandrice na sua expressão em tudo o resto afável.

— Sim, suponho que isso seja uma maneira de colocar a questão. Se quiseres ser rude, Sra. Distúrbios do Sono.

— Não sou especialista, mas sei o que ouvi.

— É justo. Mas sim, estou a trabalhar no efeito da conversa erótica sobre as mulheres com problemas de excitação. Muitas vezes, os terapeutas sugerem que esse tipo de clientes assista a filmes eróticos para tentar aumentar a libido. Mas, regra geral, a pornografia é produzida para homens. Portanto, ainda que esse método possa ter alguma eficácia, os filmes não aproveitam as fantasias das mulheres. Aproveitam as dos homens. Os livros eróticos têm funcionado bastante bem. Mas quero testar um outro método que poderá ser acrescentado ao arsenal: o áudio. Teria uma boa relação em termos de preço, não enviaria mais dinheiro para a indústria pornográfica, e poderia ser adaptado às necessidades de cada cliente. Além disso, é fácil de testar em laboratório.

Marin gostava que ele estivesse a falar com ela de igual para igual, e a franqueza com que abordava o tópico impedia que ela sentisse o desconforto que normalmente vinha à superfície quando falava de sexo. A conversa académica acalmava-a. Além disso, a paixão que ele sentia era contagiosa. Era isso que ela adorava naquele ambiente. No liceu, todos agiam como se estivessem a ser obrigados a aprender. Ela sempre fora considerada diferente por gostar da escola. Os livros e toda aquela informação tinham sido a sua fuga. As escolas mudavam. As pessoas à sua volta mudavam. Os livros eram uma das poucas coisas que se mantinha constante. Mas ali, na universidade, havia pessoas como Donovan, pessoas que pareciam injetar-se com educação e apanhar grandes mocas com o que aprendiam.

— Então porque ficaste tão frustrado?

Ele agarrou na lata de *Red Bull* e deu um gole, mantendo sempre os olhos fixos nela.

— Tenho vindo a descobrir que as mulheres são complicadas e que sinto alguma dificuldade em pensar como uma.

— Ah! E isso é suposto ser uma notícia chocante?

— Bem, não. Eu sabia que ia ser difícil, mas as fantasias estão a revelar-se mais difíceis do que eu pensava. Experimentámos uma série de fantasias românticas num pequeno teste e todas elas falharam redondamente. As mulheres disseram que tinham gostado de as ouvir, mas a excitação era... — Donovan exibiu o polegar virado para baixo. — A minha amiga Alexis, uma das outras alunas de doutoramento que está a trabalhar com o Pax, disse que eu precisava de ser mais primitivo, optar pelas fantasias proibidas, que os romances doces deixam as raparigas alegres e confortáveis, mas não necessariamente excitadas e alteradas.

O pescoço de Marin arrepiou-se ao constatar a verdade da afirmação, mas tentou manter a sua expressão inalterada.

— Faz sentido.

— Faz?

— Eu... hum, quer dizer...

— Esquece. Retiro a pergunta. — Ele recostou-se na cadeira e deslizou a mão pelo cabelo escuro, deixando-o ainda mais despenteado. — Conheço-te há cerca de cinco minutos e já te estou a perguntar se as fantasias que envolvem tabus funcionam contigo. Desculpa. Quem passa demasiado tempo neste departamento perde o filtro acerca do que

é aceitável numa conversa normal. Passei o almoço de ontem a debater a tumescência peniana noturna com uma professora de 65 anos e não houve nada de estranho nisso. Esta é a minha vida.

Marin sorriu e brincou com a anilha da lata de refrigerante.

— Tenho passado claramente o meu tempo no departamento errado. O meu professor só fala acerca da apneia do sono. Embora tenha estado a monitorizar o laboratório do sono e possa confirmar que a tumescência peniana noturna está viva e de boa saúde.

— Ah! Aposto que sim.

Ela humedeceu os lábios e, sentindo-se corajosa, inclinou-se para a frente de modo a agarrar no guião que ele deixara em cima da secretária. Ele não fez qualquer gesto para a impedir, e ela semicerrou os olhos, fitando a página, tentando decifrar a sua escrita. A fantasia parecia ser entre um patrão e a sua subordinada. Ela leu as partes que o ouvira ler em voz alta. *Estou tão duro por ti. Arranco-te as cuecas.*

Marin cruzou as pernas. A parte onde ele ficara preso estava relacionada com a utilização de diversos nomes rudes para a anatomia feminina que haviam sido elencados e riscados, como se ele não tivesse conseguido decidir qual seria o mais eficaz. Ela não tinha qualquer opinião para lhe dar acerca disso, mas o simples facto de ver a fantasia na página despertou um formigueiro na sua pele, aqueceu-lhe o sangue. Mudou de posição na cadeira. Continuou a ler.

— Muito bem, isso é um bom sinal — disse ele, a sua voz quebrando o silêncio da sala.

Marin ergueu os olhos.

— O quê?

Ele apoiou os antebraços na secretária, os olhos azuis fixando-se nos dela.

— Acabaste de emitir um som.

— Não emiti nada.

— Sim, emitiste. Um som rouco. E o teu pescoço está todo corado. Essa fantasia está a funcionar contigo.

Ela atirou o papel para cima da secretária.

— Oh, meu Deus, tu não tens mesmo filtro.

Ele sorriu, com algo diferente brilhando-lhe nos olhos, algo que a fez sentir-se mais excitada do que as palavras na página.

— Desculpa. Mas não faz mal. A sério. Já me viste com uma tesão. Agora estamos quites. Mas isto é uma boa informação. Pensei que esta

fantasia fosse demasiado virada para o lado masculino... Uma fantasia que seria apelativa para mim, mas não necessariamente para uma mulher. Estás a dizer-me que estou errado.

— Eu não disse nada.

— Nem foi preciso. És como...

Ela conseguia sentir os mamilos a pressionar o sutiã, a sua presença óbvia contra a t-shirt, e lutou contra o impulso para os tapar com as mãos, para esconder o corpo que a traía. Levantou-se.

— Muito bem, vou-me embora agora.

— Não, não, vamos, espera — disse ele, levantando-se. Donovan agarrou a mão dela antes que Marin pudesse escapar, e o toque subiu-lhe pelo braço, prendendo-lhe a respiração no fundo da garganta. — Tu podes ajudar-me. Tenho uma pilha destes guiões. Preciso de saber quais testar para a semana e quais deitar fora. Ou talvez possas oferecer algumas sugestões? Prometo não olhar para lado nenhum onde não deva. E juro, se me ajudares, serei teu para o que for preciso. Posso ficar com o teu turno no departamento do sono ou algo assim.

Ela ficou a olhar para ele. Ele estava a brincar, certo? Só podia estar a brincar.

— Queres que leia estas fantasias e te diga quais as que me *excitam*?

— A mão dele era tão quente contra a sua mão fria. E ela dissera-lhe a palavra *excitam*. Em voz alta. Estava capaz de morrer. — Não podes pedir à tua amiga que faz parte do departamento para o fazer?

— Ela é lésbica, por isso as suas fantasias não se alinham propriamente com estas. Preciso da opinião de uma rapariga heterossexual. Espera... és heterossexual?

Ela pestanejou. Eles estariam mesmo a ter aquela conversa?

— Eu... sim. Mas isto é mais do que embaraçoso.

— Porquê? Porque te excitas com fantasias? Não é embaraçoso. É humano. Ficarias chocada se soubesses quantas pessoas lutam para conseguir aceder a essa parte de si mesmas. Esse tipo de recetividade é uma coisa boa.

Recetividade. Donovan West estava a falar acerca da recetividade sexual dela. *Olá, universo alternativo.*

— Donovan, não sei...

Ele largou-lhe a mão e abriu uma gaveta.

— Espera. Tenho uma ideia. Vou fornecer-te uns auscultadores e uma *pen* com aquelas que já gravei. Podes levá-las até ao laboratório

e ouvi-las, enquanto introduzes os dados. Depois dizes-me as que recomendas, quando terminares. Não tens de te sentir inibida por estares sentada ao meu lado. Além disso, preciso de gravar mais alguns guiões esta noite e não poderei fazê-lo se tiver aqui alguém comigo.

Ele estendeu-lhe uns auriculares e uma *pen* azul. Ela ficou a olhar para os objetos como se estes a pudessem morder, mas naqueles ficheiros estaria a voz de Donovan e esta falar-lhe-ia ao ouvido, dizendo-lhe coisas explícitas, coisas que ela nunca ouvira um tipo sussurrar-lhe. Coisas que apenas imaginara no solitário silêncio do seu quarto, quando dava autorização à sua mente para viajar para aqueles locais secretos. A tentação era algo quente que pulsava no interior do seu baixo-ventre.

Marin tinha de dizer que não. Arranjar uma qualquer desculpa. Pôr fim àquela mentira a que dera início.

Pegou nos objetos.

— Está bem.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— A sério?

— Não te vou fazer promessas, mas dir-te-ei se tiver ouvido alguma antes de me ir embora esta noite.

O sorriso dele era como um toque físico na sua pele.

— Isso seria excelente. Ficarei a dever-te uma, Mari.

Ela ficou presa naquele sorriso como uma mosca numa teia e quis ali permanecer, quis ficar ali toda a noite e ouvi-lo a falar sobre a sua investigação, sobre o que o apaixonava, sobre o que mais o faria sorrir daquela maneira. Mas se ficasse, arriscava envergonhar-se ainda mais, ou pior — meter-se em sarilhos. Porque aquilo que florescia dentro dela, quando Donovan olhava para ela daquela maneira, como se a sua opinião fosse importante, era intoxicante e poderoso. Marin queria agarrar-se àquela sensação, envolver-se nela e saltar para o desconhecido sem pensar nas consequências. Algo que jamais poderia fazer.

Ela vivia a sua vida cuidadosamente, assegurando-se sempre de que se mantinha entre as linhas que demarcavam a estrada. Nada de álcool. Nada de drogas. E muito menos de comportamentos arriscados com rapazes. Aprendera com a mãe que bastava um pé fora do caminho, bastava perseguir um qualquer capricho, para cair no caos. Sabia o suficiente acerca do distúrbio da mãe para saber que aqueles genes, provavelmente, lhe eram comuns, e aquele desejo pulsante de namoriscar com Donovan, de levar mais longe aquela charada, poderia ser perigoso.

Provavelmente nem sequer devia ouvir aquelas gravações, abrir aquela porta. Naquele momento as coisas eram seguras, calmas. Ela precisava que assim continuassem.

Mas Marin não conseguiu obrigar-se a devolver a *pen*. Não ainda. Não queria fazer nada que pudesse apagar o sorriso do rosto de Donovan.

Por isso, balbuciou uma rápida despedida e percorreu o corredor com a *pen* enfiada no bolso e a lata de refrigerante na mão. Dissera a Donovan apenas que tentaria. Tinha uma saída. Precisava de optar por ela e de se concentrar no seu trabalho; introduzir aqueles numerzinhos no computador, perder-se na monotonia e esquecer o professor assistente sensual do fundo do corredor.

Mas não se tinham passado sequer 20 minutos depois de ter regressado ao laboratório do professor Robert e já a tentação se revelara demasiado forte. Talvez ouvisse apenas uma gravação, para mostrar a Donovan um esforço feito em boa-fé, e ficar-se-ia por ali. Abriu as gravações e a voz de Donovan encheu-lhe a cabeça.

— *Sou o primeiro a ver-te do outro lado do bar. Estás linda, e eu sei que vieste com mais alguém. Posso vê-lo a pedir-te uma bebida. Mas também sinto os teus olhos em mim, o gosto do teu desejo, e sei que esta noite serão as minhas mãos sobre ti, o meu corpo a mover-se sobre o teu, e o meu nome nos teus lábios...*

Marin não fez mais nada do seu trabalho naquela noite.



## 2

### ENTÃO

**M**arin girou os ombros antes de descer do carro, tentando afastar a culpa. Tinha ido buscar o irmão ao campo de férias de arte nessa tarde, onde este passara toda a semana, e Nate tinha-lhe implorado que ficasse em casa para poder assistir a um filme com ela e com a mãe. Ela tinha sentido saudades dele, mas aquela era a última noite em que conseguiria apanhar Donovan sozinho. Na segunda-feira, as aulas recomençariam. Ele descobriria que ela não passava de uma fraude. Uma fraude de 18 anos de idade.

Por isso, Marin prometera a Nate que teriam uma batalha épica de Mario Brothers no dia seguinte e que depois veria qualquer filme que ele quisesse. Ele fizera beicinho, mas aceitara quando ela acrescentou uns biscoitos acabadinhos de fazer, para adoçar o acordo. A mãe também se lançara na habitual atribuição de culpas, queixando-se de que Marin não tinha estado em casa durante a noite toda a semana e que Marin deveria ser mais compreensiva quanto ao final da sua relação com o idiota do mês. A mãe lançara para o ar a palavra *triste*, sabendo que esta desencadeava normalmente em Marin a necessidade de fazer o que fosse preciso para se corrigir. Os episódios maníacos da mãe eram de difícil gestão; os depressivos eram aniquiladores. Marin sofria ao ver a mãe passar por eles. E sentia-se assustada.

Mas, desta vez, Marin pressentiu que a mãe o dizia mais para a manipular do que qualquer outra coisa, e isso irritou-a. Normalmente, conseguia manter sob controlo a frustração, ser compreensiva e apoiá-la. Sabia que a condição da mãe era uma doença, e que ela não conseguia controlar facilmente as suas emoções e ações. Mas, naquele momento, Marin sentiu-se absolutamente exausta com tudo aquilo. Tão sufocada que deixou que a raiva se apoderasse de si e disse à mãe que tinha de ir trabalhar num sábado porque o único adulto daquela casa estava constantemente a ser despedido de todos os empregos e eles precisavam do dinheiro.

Tinha sido feio e ela tinha sido má, mas por vezes a pressão era demasiada. A racha estalara e rebentara. A mãe chamara-lhe egoísta.

Talvez fosse. Naquela noite precisava de o ser. No dia seguinte recomendaria as vedações, acalmaria as coisas. Mas aquela semana era a sua pausa de tudo aquilo, e não ia permitir que lhe roubassem o último dia.

Cada noite que passava com Donovan West era como umas férias privadas e doces da sua vida. Não havia fardos pesados, nem casa para gerir, nem pezinhos de lã. Ali podia ser a rapariga que queria ser: uma estudante universitária despreocupada que passava o tempo a investigar coisas fascinantes e que tinha uma paixoneta por um tipo sensual.

A fuga era como uma droga. Todas as noites dizia a si mesma que seria a última vez, que lhe contaria a verdade. Mas depois voltava a vê-lo e todas as suas boas intenções se desvaneciam. A investigação dele era acerca de fantasias proibidas. E aquela era a sua. Noites roubadas a sós com um homem que era mais velho, divertido, brilhante. *Belo*.

Parte dela sentia que se tratava de uma espécie de vingança por ter passado os anos do liceu à margem, vendo as outras raparigas a serem convidadas para sair, vendo as outras pessoas a frequentarem os bailes ou a roubarem beijos no corredor, vendo a vida normal a prosseguir o seu caminho sem ela. Marin fora sempre a miúda nova. A calada. A esperta. E mesmo quando era convidada para as festas, raramente conseguia ir. A mãe e o irmão precisavam dela em casa. Se ela não aparecesse, quem garantiria que havia jantar sobre a mesa ou que o irmão tinha as roupas limpas para o dia a seguir? Quem garantiria que a mãe tomava os medicamentos?

Aquela semana fora uma dádiva. Ela e Donovan tinham encontrado uma rotina. Marin ia entregar-lhe as notas que tirara acerca das suas gravações e eles conversavam durante um bocado. Ela ficara a saber que Donovan estava à espera de terminar o doutoramento no ano seguinte, que gostava de filmes antigos, que planeava originalmente estudar vícios, mas que mudara de ideias depois de assistir a uma aula com o professor Paxton e de se ter apaixonado pela área. E ela dera por si a partilhar coisas sobre a sua vida que nunca pensara dizer a alguém: que vivera em oito estados diferentes ao longo de dez anos, que ainda vivia em casa para ajudar com o dinheiro porque a mãe estava entre empregos, e que lia pelo menos três romances por semana.

Marin gostava do facto de ele não ser metedido, recebia a informação que ela lhe oferecia sobre si mesma, mas não insistia com ela para que

dissesse mais. Quando Marin lhe disse que vivia em casa, em vez das normais perguntas metediças ou de uma simpatia vazia, ele limitou-se a acenar e disse:

— É fixe que ainda vivas em casa e ajudes. Não há muitas pessoas que estejam dispostas a sacrificar os anos de desbunda dessa maneira.

Embora Donovan não soubesse metade daquilo com que ela tinha de lidar em casa, o simples facto de reconhecer que havia um sacrifício significara muito mais do que ele provavelmente compreendia. Marin estava tão habituada a que as pessoas olhassem para ela com pena... os terapeutas, os professores da escola de Nate, os médicos. Donovan olhara para ela com respeito. Se soubesse acerca do distúrbio da mãe, talvez tivesse revelado alguma daquela pena, embora Marin tivesse a sensação de que ele não seria assim. Fora nessa noite que ela deixara de o ver como apenas um tipo sensual e dera por si a desejá-lo por razões completamente diferentes.

Mas as suas conversas não podiam demorar muito tempo, dado que ambos precisavam de trabalhar. Portanto, ia cada um para seu lado, ele dava-lhe mais algumas gravações (umas baseadas em sugestões dela, outras alteradas tendo em conta o feedback que ela lhe oferecia) e Marin regressava ao laboratório.

O resto da noite era passado sob o cobertor da sua voz, o corpo dela tornando-se quente e pesado, o espaço entre as coxas ficando molhado e cheio de desejo. Marin nunca sentira tanta fome sexual na sua vida. Já tinha fantasiado, claro. Já sentira paixonetas por outros rapazes. Namoriscara com alguns, quando tivera a oportunidade, satisfazendo a sua curiosidade mais do que o seu desejo. Mas nunca fora consumida daquela maneira pelo desejo por alguém. A um certo nível, compreendia agora porque é que a mãe se metia tão facilmente em apuros com os homens. Aquela excitação era poderosa.

O mundo de Marin tinha-se visto rapidamente reduzido àquela coisa, àquela pessoa, enquanto durara a pausa de primavera. A tensão vivida em casa, com a mãe, tinha-se transformado num zumbido em pano de fundo. De manhã, quando chegava a casa, regressada do turno da noite, Marin passava pela cozinha e pela sala de estar obsessivamente arrumadas, sabendo que se poderia tratar de um sinal de que a mãe se estava a aproximar de um dos seus estados maníacos. Mas não permitira a si mesma entregar-se à ansiedade como acontecia normalmente. Verificava o fornecimento de comprimidos da mãe para se assegurar de que ela

continuava a tomá-los, garantia que havia comida no frigorífico, telefonava ao irmão para saber como estava a correr o campo, depois deixava que tudo desaparecesse. Ia para o quarto, enfiava-se debaixo dos cobertores e voltava a ouvir as cópias que tinha feito das gravações de Donovan, com as próprias mãos ocupando o lugar das dele, ao mesmo tempo que dava alívio ao seu corpo na escuridão do quarto que nada revelava.

Depois, quando acordava à tarde, trabalhava nas notas para Donovan. Ele gostava das sugestões dela, e ela deu por si a avançar da simples edição das palavras dele para a escrita das suas próprias fantasias privadas, versões do que se imaginava a fazer com ele. Tinha agora um molho de páginas em que ele desempenhava o papel principal; páginas que só ela veria, e que guardaria muito depois daquela colaboração.

Ela sabia que era ridículo, que estava a entrar em terreno obsessivo, que era perigoso perseguir aquele coelho na sua toca. Vira a mãe tornar-se obcecada com projetos, trabalhos, homens. Tantos homens. Sabia que a intensidade podia ser um primeiro sinal de que as coisas iam correr para o torto. Mas Marin não podia permitir-se pensar demasiado acerca disso. Os seus ombros curvaram-se sob a pressão de se perguntar constantemente se teria de enfrentar os mesmos monstros com que a mãe lutava todos os dias. Ter de pensar nisso era demasiado. Demasiado grande. Aquele interesse em Donovan não tinha de significar isso. As raparigas apaixonavam-se pelos rapazes. Era normal. Ela precisava daquilo.

Além disso, Marin não sabia ao certo quando voltaria a ter uma oportunidade como aquela. Depois da pausa, a vida regressaria à sua versão de normalidade presa com fita-cola. Por isso talvez não houvesse problema em correr aquele pequeno risco. Agora estava na faculdade. Ansiava pelas mesmas coisas que as outras pessoas da sua idade. Pela experiência. Pela aventura. Pelo divertimento. Pelo sexo. Ela sabia que, para Donovan, não passava de mais um encontro qualquer com uma rapariga qualquer, numa vida quotidiana provavelmente excitante e repleta de amigos, saídas e família. Todos os outros estavam nas férias de primavera. Ela estava ali. E estava a ajudá-lo. Aquele fantasia só tinha um lado. E ela não tinha problemas em lidar com isso.

Mas naquele último sábado antes do encerramento da pausa de primavera, o final pairava como se de nuvens de chuva frias e cinzentas se tratasse, as breves férias da sua vida escapavam-lhe. Na segunda-feira, todos regressariam ao *campus*. Ela teria de voltar para as aulas. Donovan

descobriria quem ela era. Marin não seria uma colega de doutoramento proficiente. Seria apenas mais uma das alunas cujos trabalhos corrigia.

Pensara em arriscar naquela noite, em tentar namoriscar. Uma relação com ele não era possível, mas imaginar as coisas a seguirem por um caminho só para adultos era como fitar um fruto maduro pendurado ao seu alcance. Tinha ouvido as raparigas da faculdade a sussurrarem entre si acerca do que faziam com os namorados. Tinha lido romances suficientes para saber como as coisas se podiam tornar sensuais. E agora passara uma semana a ouvir a voz de Donovan e as fantasias que ele redigira. Nunca tinha provado aquele tipo de relação física com um rapaz e agora queria dar-lhe uma grande dentada.

Mas estaria a enganar-se se acreditasse que Donovan olhava para ela da mesma maneira. Aquele tipo era um homem com uma missão. O seu amor era pelo trabalho e só estava interessado em falar com Marin porque ela o estava a ajudar com a sua investigação. Era algo de que não se podia esquecer.

Consultou as horas no telemóvel enquanto percorria o corredor. A porta de Donovan estava fechada. Tinha chegado cedo. Estava de tal modo ansiosa para sair de casa depois da discussão com a mãe que nem tinha reparado. Mas ao ver a porta fechada, ocorreu-lhe que ele poderia nem sequer aparecer naquela noite. Era sábado, afinal de contas, e eles não tinham combinado nada. Porque presumira ela que Donovan ali estaria? Só porque se tratava de um grande e excitante evento na sua mente, não significava que ele o registasse como tal. O mais certo era que tivesse saído com uma rapariga ou ido a uma festa ou estivesse a tomar uma cerveja com os amigos. A desilusão varreu-a como uma rajada de vento frio. E se tivesse enfrentado todo aquele drama em casa só para ficar ali sentada sozinha?

Marin suspirou. Era típico. Pelo menos podia deixar as suas notas. E talvez ele aparecesse mais tarde.

Bateu ao de leve na porta só para o caso de Donovan lá estar e girou a maçaneta, ao não ouvir resposta. A porta velha e pesada abriu-se rangendo, e o escritório escuro saudou-a. O cheiro dos livros e de algo ligeiramente picante encheu-lhe o nariz. Tateou em busca do interruptor da luz, mas quando lhe mexeu nada aconteceu. Suspirou de frustração e avançou cuidadosamente em direção à secretária em busca do candeeiro. Quando conseguiu agarrar na ficha e ligá-lo, ouviu um som sobressaltado atrás de si.

Levou a mão ao peito e gritou, batendo contra a secretária e deixando cair as notas.

Um gemido.

— Credo, Mari. Pregaste-me um susto dos diabos.

Marin girou sobre si mesma e descobriu Donovan deitado no sofá púido, o cabelo escuro num caos, os olhos inchados, e o peito... nu. *Oh, céus*. Ela humedeceu os lábios, tentando não olhar fixamente. Mas isso era como esperar que o relógio no corredor não fizesse o seu tique-taque. Ele estava um caos. E lindo. E muito, muito masculino, todo esticado e desgrenhado pelo sono. Não havia a mínima hipótese de conseguir convencer os seus olhos a olharem para qualquer outra coisa. Podia explodir uma bomba atrás dela e mesmo assim não afastaria o olhar de Donovan.

— Merda. Desculpa. Não me apercebi de que estavas aqui. Vinha só deixar algumas notas.

Ele agarrou no cobertor que o cobria da cintura para baixo.

— Que horas são?

— Cheguei cedo. Ainda não são dez.

— Merda. — Ele deslizou a mão pelo rosto. — Pensei que não vinhas esta noite.

O olhar dela deslizou pelas roupas dobradas na cadeira próxima, a caixa de comida que tinha encomendado em cima do frigorífico, e a garrafa de whisky aberta ao seu lado.

— Desculpa, não foi minha intenção acordar-te da tua... sesta?

Marin não queria que aquilo soasse como uma pergunta, mas o que estava a ver apontava para algo muito diferente de uma sesta entalada entre demasiadas horas de investigação. Agora, o facto de estar sempre no seu gabinete, sempre a trabalhar até mais tarde, quando não estava lá mais ninguém fazia sentido.

Donovan sentou-se e estendeu o braço para agarrar na t-shirt, sem permitir que os seus olhos se encontrassem com os dela. Puxou-a por cima da cabeça, cobrindo aqueles músculos magros e sinuosos.

— Por vezes durmo aqui. O Dr. Paxton sabe.

— Eu... Está bem. — Ela fechou a boca. Não ia ser uma daquelas pessoas que fazem perguntas que não tinham nada que fazer. Não lhe ia perguntar o porquê de dormir ali, embora ele parecesse ter dinheiro. Usava calças de marca e tinha um portátil caro. E também não ia perguntar o porquê de parecer ter estado a chorar. E a beber. Sozinho.

Donovan afastou o cobertor, revelando um par de calças de ganga amarrotadas e os pés descalços.

— Não pensei que fosses suficientemente indefetível para trabalhar a um sábado à noite. De certeza que tens um local mais interessante para estar.

Marin recuou para o outro lado da secretária para lhe dar mais espaço, ou para dar espaço *a si mesma*. A última coisa que precisava era de voltar a sofrer de um ataque de rubores.

— Hum, ainda tenho muito trabalho para acabar.

Ele franziu o sobrolho e enfiou as meias.

— Desculpa. Tenho a certeza de que o facto de me estares a ajudar te atrasou. Queres que te ajude? Sou muito rápido a introduzir dados.

— Hum, não é preciso. Eu fico bem. Podes descansar um pouco. Não te incomodo.

— Tu não... — Ele fez uma careta e abanou a cabeça — não me estás a incomodar. Eu só... eu não estava à espera de companhia esta noite.

— Estás bem? — A questão escapou-se-lhe ainda antes de a conseguir impedir.

— Estou ótimo. — As palavras eram como um chicote a ser estalado. Marin estremeceu sob o impacto doloroso.

Donovan suspirou e olhou para ela, o cansaço patente naqueles olhos azuis.

— Desculpa. Eu... tem sido um dia muito mau.

Marin mudava o peso de um pé para o outro, sem saber ao certo o que fazer com aquela versão do tipo normalmente animado que conhecia. Donovan parecia estar a precisar de um abraço, mas ela não gostava que uma qualquer pessoa lho desse, por isso não podia presumir que ele não se importava de os receber. Além disso o mais certo é que ela arquejasse ou se babasse para cima dele ou algo assim, só por estar tão perto.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Uma distração seria boa ideia. Queres embebedar-te comigo?

Ela olhou de relance para a garrafa de whisky.

— Eu não bebo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Nunca?

— Não é a minha cena. — Nem pensar que ia por à prova os seus genes com uma grande dose de substâncias psicotrópicas. — Talvez um outro tipo de distração?

— Queres foder?

A questão subiu-lhe pela espinha, obrigando-a a endireitar-se e quase lhe arrancando os pés de debaixo do corpo. Não fora nesse sentido que ela fizera a pergunta, mas agora compreendia como o que dissera podia ter soado.

— Hum...

Donovan virou-lhe as costas com um gemido.

— Bolas. Ignora-me. Sou capaz de ainda estar bêbado. Não queria dizer isso.

A boca dela estava seca, o coração batia com força contra as costelas. Ela ansiava por ir até ele, envolvê-lo com os seus braços, fazer desaparecer o que quer que tenha sido que o deixara tão abatido naquele dia. Dizer: *Sim, vamos fazer essa coisa que disseste. Agora mesmo.* Mas tudo o que conseguira fazer fora ficar como uma maldita estátua na sala mal iluminada e dizer:

— Não faz mal.

— Sim, faz. Faz muito mal.

Ela devia sair. Deixá-lo lidar com o que quer que o estava a perturbar em privado. Mas não conseguia obrigar os pés a moverem-se.

— Diz-me o que se está a passar.

Donovan andava de um lado para o outro a dobrar o cobertor que tinha atirado para cima do sofá, os seus movimentos tensos. Um. Dois. Três. Dobrou a suave manta seguindo os vincos bem marcados. Marin pensou que ele a ia ignorar completamente, mas depois ele respondeu.

— Os meus pais foram mortos numa invasão de domicílio o ano passado.

O coração de Marin caiu-lhe aos pés, levando-a a libertar um jorro de ar pela boca.

— Hoje, os tribunais abandonaram o caso contra o tipo que toda a gente achava que tinha sido o responsável. — Donovan atirou o cobertor dobrado para as costas do sofá, com mais força do que a necessária. — Foi ilibado por novas provas. Agora não há uma única pista a seguir, e o caso está frio. Os meus pais estão mortos, a minha família desapareceu, e quem quer que o tenha feito está a viver a sua maldita vida como se nada tivesse acontecido.

Marin fechou os olhos, a dor na voz de Donovan invadiu-a e fê-la sofrer por ele.

— Lamento muito.



Donovan girou sobre si mesmo, o maxilar tenso.

— Sim, bem, a vida não é justa, pois não? Os bonzinhos não ganham só porque são bonzinhos.

A amargura na voz de Donovan fê-la querer chorar por ele.

— Diz-me o que posso fazer para ajudar.

Ele avançou em direção à secretária e pousou a mão nas notas que Marin ali pousara ao entrar.

— Podemos deixar de falar disto e trabalhar. Aprendi que é como correr em baixas temperaturas. Não se sente o frio enquanto não pararmos de nos mexer. Enquanto me mantiver concentrado no projeto e continuar a trabalhar, consigo bloquear o resto. — Ele passou a mão pelo rosto, como se estivesse a tentar apagar tudo o que revelara nos últimos minutos. A máscara estava de novo no lugar. — Portanto vou rever as tuas notas, e tenho umas coisas novas para ti. Gostei muito dos teus pontos de vista sobre os últimos guiões. Alguma vez consideraste mudar-te para este departamento? Dá para perceber que a cena do sono não está a resultar muito bem contigo. — O tom da sua voz tinha-se tornado completamente profissional, as emoções guardadas atrás de uma porta de segurança, com o trinco fechado. Ela conhecia esse modo. Era o local para onde ela fugia quando a mãe tinha um dos seus episódios. Como daquela vez em que chegara a casa, alguns anos atrás, e todos os pratos tinham sido partidos, porque a mãe fora despedida de mais um emprego. A mãe estava sentada entre aquele caos, as mãos e os joelhos cortados pelos cacos irregulares. Nate tinha ficado no jardim de infância, porque a mãe se esquecera de o ir buscar. Marin tinha 13 anos, mas nesse dia aprendera a desligar o medo e a continuar a avançar. Tratara dos ferimentos da mãe, telefonara a um vizinho para ir buscar Nate, e passara o resto da noite a limpar a cozinha.

Por isso sabia que não devia insistir com Donovan e colaborou na mudança de conversa. Iria correr ao lado dele naquelas temperaturas abaixo de zero.

— Sou capaz de pensar nisso. Gostei muito de te acompanhar na investigação. — E essa era a verdade. Ela sempre quisera especializar-se, já que queria ser investigadora e não uma médica com consultório aberto. Mas ainda não tinha conseguido encontrar o tema que mexesse consigo. Aquele tema não tinha simplesmente mexido consigo, tinha-a apaixonado. O sexo era fascinante; aquela coisa estranha, distante, que ela queria desembrulhar e analisar. E ter aprendido com Donovan, durante

aquela semana, acerca dos diferentes aspetos do campo tinha aumentado ainda mais o seu interesse. Como ele não respondeu, ela mudou de posição e limpou a garganta. — Então o que tens para mim esta noite?

Donovan afundou-se na cadeira, afastando as notas dela. Continuava sem olhar para Marin.

— Tenho estado a trabalhar num cenário forçado. Nada violento, mas que é ir bastante longe no que diz respeito a tabus.

— Forçado?

Ele olhou de relance para ela, os seus olhos mais límpidos do que tinham estado há uns instantes, mas ainda assim cansados.

— De acordo com a investigação, é uma fantasia bastante popular: fantasias de captura, em que as coisas se tornam um bocadinho brutas; em especial entre mulheres que são refreadas por pensamentos de culpa em relação ao sexo. Mas pode espoletar outros, por isso tens de me dizer agora se não estiveres confortável a ouvi-lo.

Marin humedeceu os lábios, as imagens de Donovan a assumir as rédeas e todo o controlo encheram-lhe a cabeça. Continuava a sentir a raiva a emanar dele e perguntou-se se ele teria imaginado aquela fantasia naquele momento, porque era disso que precisava: um pouco de violência, alguém com quem pudesse exorcizar aqueles demónios, um escape de toda aquela feia realidade.

— Eu aguento.

— Está bem, fixe — Ele inclinou-se para a frente na cadeira e agarrou numa *pen*. — Lembra-te, quero que me dêes um feedback sincero. Se não prestar ou for horrível, tens de me dizer. Não me mimes só porque tive um mau dia.

— Eu não faria isso.

Donovan acenou com a cabeça.

— Obrigado.

— Então, funcionou contigo? — A questão saltou-lhe da boca antes que Marin a pudesse impedir.

Ele ergueu os olhos, inicialmente surpreendido, mas depois algo brilhou naqueles olhos azuis: desconfiança.

— Bem, não tenho qualquer interesse em forçar ninguém, se é a isso que te referes.

— Não foi isso que eu perguntei. — Marin não sabia de onde vinha aquele arrojo. Talvez do facto de saber que aquela era a última noite com ele a tornasse mais atrevida. Ou talvez ainda estivesse a pensar na

alternativa que ele sugerira a passarem a noite a beber. — Tu queres que eu a escute e te diga o que acho. Obviamente, não quero que um tipo qualquer me viole.

Ele tossiu e passou a mão pela parte de trás do pescoço.

— Desculpa, tens razão. Estou a pedir-te toda esta sinceridade pessoal e tu deste-ma. Seria um idiota se não estivesse disposto a fazer o mesmo. — Ele endireitou os papéis em cima da secretária. — O cenário funcionou comigo. A violação não me excita. Obviamente. Mas que uma mulher consinta em participar nesse jogo, em deixar que as coisas fiquem um bocadinho mais violentas? Isso pode ser excitante.

Marin virou os lábios para dentro, o desejo envolvia-a como uma trepadeira, emaranhando-se com as imagens na sua mente.

— Sim, aposto que seria. Catártico até.

O maxilar de Donovan estremeceu, e ele pareceu estar a pensar seriamente nas palavras dela. Por um momento, Marin pensou que talvez isso viesse a acontecer. Talvez ele se levantasse, a agarrasse, beijasse e deslizasse as mãos por ela. Talvez ele a deixasse ajudá-lo a esquecer por um bocado. A ajudasse também a ela a esquecer. Mas depois ele limpou a garganta e puxou a cadeira da secretária mais para baixo da mesma.

— Obrigado, Mari.

Qualquer esperança que ela tivesse ardeu, transformando-se numa pilha de cinzas aos seus pés. Claro que Donovan não ia avançar a passos largos pela sala e tomá-la nos seus braços, como num romance antigo. Ele confidenciara-lhe acerca da sua família, mas isso acontecera apenas porque estava em sofrimento e Marin estava ali. Estavam simplesmente a trabalhar juntos num projeto. Amigos. Raios, era mesmo isso. Ela pegou na mochila e colocou-a ao ombro.

— Sim, sem problemas.

Ele esfregou os dedos na testa.

— E desculpa aquilo que disse mais cedo. Foi completamente despropositado.

— Não faz mal. Não te preocupes com isso. — Ela agarrou na *pen*.

— Venho ver como estás quando terminar.

Donovan ergueu os olhos como se fosse dizer qualquer coisa, mas depois pareceu pensar melhor. Cerrou os lábios e acenou com a cabeça, como se a mandasse embora.

Marin percorreu o corredor até ao laboratório do sono sobre pernas trémulas. Quando chegou ao laboratório, suspirou, libertando a respiração

que não se tinha apercebido de que estava a suster. A sala estava vazia e silenciosa com exceção do zumbido dos computadores. Naquela noite não haveria participantes do estudo do outro lado do vidro, por isso teria aquele espaço só para si. Nunca se tinha sentido tão grata por isso. Precisava de tempo para se recompor.

Não conseguia tirar da cabeça aquilo por que Donovan tinha passado. Aquela tristeza nos seus olhos, quando ela entrara na sala. Depois o calor rápido que a enchera quando ele dissera *queres foder?* Naquele momento, teve a sensação de que, apesar do envolvimento do álcool, estava a ver uma parte verdadeira de Donovan, a parte não refinada que espreitava no seu interior, a parte que ela vislumbrara apenas em algumas das fantasias que ele gravara. Sentiu-se culpada por ter aquele tipo de sentimentos, quando ele estava a passar por algo tão difícil, mas o corpo dela parecia estar programado para responder daquela maneira ao dele.

Marin afundou-se na cadeira e esfregou a testa com a mão. Depois do confronto com a mãe e da conversa com Donovan, precisava daquela noite no laboratório. Previsível. Segura. Podia bloquear todas as coisas feias e concentrar-se apenas na voz dele, em escapar para a fantasia. Ligou o terminal, introduziu a *pen*, e colocou os auriculares.

Ouviria Donovan e fugiria do mundo real durante algum tempo. A gravação começou.

— *Não me vês atrás de ti. Sei que tu sabes quem sou, mas tu não sabes que tenho estado a observar-te. Tu não sabes o quanto penso em ti, acerca de todas as coisas porcas que te quero fazer. Não fazes ideia do quanto te desejo e não fazes ideia de que esta noite é a noite em que serás minha. Quero ouvir-te implorar pelo teu prazer e pela minha misericórdia...*

A voz suave e profunda nos ouvidos dela levava a que tudo o resto desaparecesse. Marin fechou os olhos e permitiu que as palavras assumissem o controlo, afundando-se na fantasia e sentindo o corpo a aquecer e a liquefazer-se ao fim de apenas alguns minutos. As palavras eram explícitas, a cena intensa. O homem capturava a mulher, atava-a no seu quarto de hotel, levava-a até à beira do orgasmo uma e outra vez e depois tomava-a rudemente por trás. Mas havia sinais ao longo da narrativa que mostravam que o homem estava a cuidar da mulher, que ela consentira antes em fazer aquilo, que se tratava de uma fantasia tabu partilhada por dois amantes.

E estava *mesmo* a funcionar para Marin.

Ela deu por si a apertar as coxas uma contra a outra, o latejar entre elas quase insuportável. Ela tinha passado por aquilo noite após noite, a ouvir aquelas gravações, mas aquela parecia estar a mexer ainda mais com ela, o tópicio do tabu do perigo acedendo a uma parte destemida dela. E toda a emoção de há pouco, com Donovan, entrou na fantasia, enquanto ela o imaginava no papel do homem, e ela no papel da cativa.

O corpo dela palpitava enquanto a cena se desenrolava na sua cabeça, cada parte do seu ser a tornar-se sensível, primária. Como se bastasse um toque para atingir o clímax. Tentou afastar o desejo, cerrando as mãos em torno dos braços da cadeira e respirando durante os momentos de maior excitação. Mas, por fim, ao mesmo tempo que o homem na gravação levava a mulher até um novo orgasmo usando dedos rudes e palavras porcas, Marin não se conseguiu conter mais e afastou os joelhos. Havia nela tanta tensão do dia da treta, da conversa com Donovan, e daquele desejo não correspondido contra o qual tinha estado a lutar durante toda a semana. Já não conseguia resistir mais. Precisava do esquecimento, de um qualquer tipo de libertação de tudo aquilo. O ar da sala tocava, frio, o lado interior das suas coxas e ela pressionou com a mão a parte latejante do seu corpo, mesmo por cima dos calções, oferecendo-lhe a pressão suficiente para alcançar algum alívio.

Emitiu um suave arquejo e moveu lentamente a mão contra si mesma, movimentos simples que lançavam correntes elétricas cortantes através do seu corpo, tornando tudo pesado e tenso. Os seus seios pareciam mais cheios, o sangue mais quente, a pulsação mais sonora. A culpa pesava sobre ela. Parte de si sabia que não devia estar a fazer aquilo. Não merecia aquele prazer naquela noite. Mas o comboio de carga já acelerava monte abaixo sem travões. Arrastou os dedos sobre o algodão dos calções, tentando ser discreta, mas não gentil.

Em breve, estava de tal modo embrenhada na gravação e tão perto de se lançar no precipício, que não ouviu baterem à porta quando isso aconteceu. Não sabia que já não estava sozinha, que alguém a observava, depois os auriculares foram-lhe arrancados das orelhas.

Marin quase saltou do seu assento. A mão voou para longe dos calções e agarrou o braço da cadeira. O cheiro a sabonete e uísque abateu-se sobre ela. Donovan.

— *Mari?*

## NUNCA SOUBE TÃO BEM FAZER HORAS EXTRAORDINÁRIAS...




Marin Rush adora o seu trabalho: estudar sexo. Porém, fazê-lo não é propriamente a sua especialidade. Enquanto se dedicou à investigação académica, isso não era um problema. Mas, quando arranja um emprego no Grove, uma exclusiva clínica de terapia sexual, tudo muda.

O Dr. Donovan West, o seu novo colega, sabe que os clientes vão abusar da inocência de Marin se ela não tiver alguma experiência na matéria. Então, sugere toda uma série de atividades explícitas para que Marin se prepare para lidar com a selvagem clientela do Grove. Claro que muitas dessas atividades têm de ser feitas a dois. E Donovan sabe que é o homem ideal para esse trabalho.

Desde que Donovan e Marin mantenham as suas atividades extracurriculares em segredo, e ninguém se apaixone, tudo vai correr bem. Nada mais fácil, certo?

Com personagens apaixonantes e um enredo em que arriscam tudo um pelo outro, este intenso e escaldante romance é ideal para fãs de J. Kenner, Maya Banks, Sylvia Day e EL James.

<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8917-15-7  9 789898 917157 Romance Erótico
--	---